

A AVALIAÇÃO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTA MARIA

ETCHEPARE, Luciane Sanchotene ¹

ZINN, João Luiz ²

RESUMO

O objetivo deste estudo foi e analisar a avaliação escolar da Educação Física e os fatores que interagem neste processo na Rede Municipal de Ensino de Santa Maria. A amostra, constitui-se de 160 alunos de 5ª a 8ª série e 16 professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria. As escolas sorteadas deveriam ter: 1º grau completo, 4 professores de Educação Física atuando de 5ª a 8ª série e estar na zona urbana da cidade. Foram selecionados os 10 alunos mais freqüentes por professor. Para análise qualitativa, utilizou-se uma matriz de acompanhamento. Para análise quantitativa destacaram-se as respostas mais freqüentes e o contraste das respostas dos alunos com as dos professores. Verificou-se que os alunos apresentaram-se descontentes com a avaliação escolar da Educação Física, apontando diversas dúvidas quanto à forma e critérios de avaliação. Queixaram-se da falta de diálogo com os professores e do processo da seleção de alunos para as equipes desportivas das escolas. Afirmaram não entender como a participação, interesse e freqüência são avaliados e quantificados. Professores acusam o Curso de graduação da UFSM de não preparar os futuros professores de Educação Física para a prática docente escolar, manifestaram diversas dúvidas quanto a critérios, objetivos e formas de avaliação. Consideraram que esta disciplina não se enquadra nas propostas pedagógicas das escolas e que os fatores econômicos e sociais acabam interagindo na avaliação.

Unitermos: avaliação, critérios e Educação Física.

¹ Doutoranda em Ciência do Movimento humano CEFED/UFSM.

² Professor Dr. CEFED/UFSM.

**THE SCHOOL EVALUATION OF THE PHYSICAL EDUCATION IN THE
MUNICIPAL SYSTEM OF TEACHING IN SANTA MARIA**

ABSTRACT

The objective of this study was to analyse the school evaluation of the Physical Education and the factors that interact in the process in the Municipal system of education in Santa Maria. The sample was constituted by 160 students from fifth to eighth grade and 16 Physical Education teachers from Municipal institutions of Santa Maria. The selected schools had to have complete elementary school, 4 Physical Education teachers that work with fifth, sixth, seventh or eighth grade and to be in the urban area city. The ten most frequent students from each teacher. Were selected for the qualitative analysis of the obtained answers, was used an attendance matrix, and for the quantitative analysis stood out the most frequent answers and the contrast between the students and the teachers answers. It was verified that the students showed themselves discontent with the Physical Education school system of evaluation. They pointed out many doubts related to the way and criterions of evaluation. They complain about the lack of dialogue and discussion between them and the teachers and the process of selection for the school teams. They do not understand how the teachers evaluate and quantify the participation, interest and frequency when they register in the reports. The teachers accused the Physical Education undergraduate course of the UFSM for not preparing the future Physical Education teachers to the practice school teaching. They express many doubts related to the criterion, aims and ways of school evaluation of Physical Education. They consider that this subject does not fit on the school's pedagogy proposal and the economical and social factors that interact in the school evaluation.

Uniterms: evaluation, criterions and Physical Education.

INTRODUÇÃO

O problema e sua importância

Sabe-se que a interpretação teórica de qualquer fato, seja ele qual for, faz-se através de sua comparação com outro. Nada pode ser compreendido e passar a constituir o nosso patrimônio de conhecimentos, sem ser comparado com padrões previamente estabelecidos.

No entanto, avaliar é muito mais do que simplesmente medir ou comparar. Há necessidade de um processo interpretativo e analítico muito mais complexo. O fato de estar sendo comparado e medido transtorna o equilíbrio emocional do aluno. “Passar” deve ser consequência e não fim, portanto os ajustes educacionais devem ser frequentes e efetivos antes que o aluno seja reprovado. Recuperação após o fracasso é uma grande “aberração” pedagógica. Deve-se ajustar o aluno durante o desenvolvimento da disciplina, através de avaliações constantes e não após a falência do aprendizado (Neto, 1986).

O ato de avaliar acabou tornando-se terror para uns, sadismo para outros e meio de neurotizar e apavorar alunos. Considerado por muitos como instrumento para exercer o autoritarismo pedagógico, defendido, protegido, exigido pela escola é repudiado por todas as gerações de alunos. Na verdade é a falta de compreensão do processo de avaliação que permeia angústias nos profissionais de ensino que andam em círculos na busca de soluções desta problemática (Engers, 1987). Soluções estas que continuam escapando, escorregando e afastando os educadores da trilha proposta para a melhoria do processo educacional.

Raramente encontramos um professor que não se preocupe com a avaliação. Isso porque avaliar, no que se refere a ensino-aprendizagem, é uma tarefa cuja importância é comparável à complexidade e dificuldade que lhe são inerentes. O professor precisa tomar muitas decisões quanto a conteúdos, objetivos, procedimentos adequados e instrumentos de medidas. Bloom (1983), ressalta a importância da avaliação bem como os procedimentos de avaliação que têm variado no decorrer dos tempos, sofrendo a influência das tendências de valoração que se acentuam em cada época e do desenvolvimento da ciência e tecnologia.

Segundo Hoffmann (1991), avaliar, no processo ensino-aprendizagem, só tem sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução do processo, em função dos resultados que estão sendo buscados na ação educativa. O educando deve construir seu conhecimento e desenvolver as habilidades necessárias a sua realização como sujeito interativo, então a avaliação do processo ensino - aprendizagem deve ser dinâmica, participativa e eficaz.

A escola hoje está tão reduzida ao processo de avaliação e tão vazia de

proposta pedagógica que não vimos melhor objeto do que o estudo do processo de avaliação (Lima, 1995).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) consideram que a avaliação deve ser de utilidade, tanto para o aluno como para o professor, para que ambos possam dimensionar os avanços e as dificuldades dentro do processo de ensino aprendizagem e torná-lo cada vez mais produtivo.

Avaliar o desempenho motor é, por sua vez, uma tarefa deveras difícil, portanto atribuir notas ou conceitos aos alunos de Educação Física sem cometer injustiças ou enganos é muito mais complicado. Quando abordamos a avaliação escolar da Educação Física nos deparamos com divergências ainda maiores. As escolas que priorizam as opções por clubes esportivos avaliam basicamente a técnica desportiva, as que trabalham práticas diversas e jogos motores adotam a auto-avaliação ou avaliam apenas a “participação” e o “interesse” dos alunos.

Afinal, “como está sendo realizada a avaliação escolar da Educação Física na opinião dos professores e alunos da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria? E que fatores estão sofrendo e/ou exercendo influência neste processo?”

Para Bloom (1983), a avaliação dos resultados do ensino-aprendizagem é de grande relevância porque pode proporcionar informações fundamentais para o processo de tomada de decisões por parte de professores, alunos e equipe diretiva, por isso é uma tarefa árdua requerendo:

- seleção de atributos que sejam significativos para julgar o valor do que vai ser avaliado;
- procedimentos que possam descrever estes atributos de maneira objetiva e precisa;
- síntese de evidências alcançadas por estes procedimentos, num julgamento final de valor.

Segundo Santin (1992), a Educação Física é a única disciplina obrigatória e indispensável, não por força legal, mas por imposição das necessidades do ser vivo. Desta forma, a Educação Física tornou-se sabedoria de viver, o que nos alerta para a importância das aulas ministradas para grandes massas, que são as aulas dadas nas escolas, e que contribuem diretamente para a formação de hábitos que estarão presentes com os alunos, acompanhando-os para o resto de suas vidas.

Fensterseifer (1996), defende que o entendimento restrito sobre avaliação do ensino da Educação Física que é buscado através de paradigmas tradicionais é insuficiente para a compreensão deste fenômeno educativo numa perspectiva abrangente. As principais preocupações têm recaído nos métodos e técnicas usadas pela escola para avaliação de seus alunos. Na verdade, levantar medidas, aplicar testes, selecionar e classificar alunos são apenas uma parte de todo o processo ensino-aprendizagem.

Verificada a carência de estudos em Avaliação Escolar, envolvendo as aulas de Educação Física, salienta-se a necessidade de pesquisar a avaliação escolar da Educação Física de forma abrangente, envolvendo alunos e professores, detectando fatores que sofrem e/ou exercem influência neste processo nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria.

Desta forma destacamos:

- os pontos convergentes e divergentes na opinião de alunos e professores sobre o processo de avaliação escolar da Educação Física;
- a necessidade de relacionar os objetivos da disciplina de Educação Física com os objetivos da avaliação escolar adotada pelo professor;
- a influência de fatores sociais, políticos, culturais e econômicos nas avaliações feitas nas aulas de Educação Física, bem como as conseqüências destas avaliações;
- a falta de disciplinas pedagógicas que discutam a avaliação escolar da Educação Física nos cursos de formação profissional;
- a relação entre a proposta da disciplina de Educação Física e a proposta pedagógica escolar, ressaltando os objetivos e os aspectos avaliativos;
- o uso da avaliação escolar da Educação Física como meio de selecionar alunos para competições e apresentações dentro e fora da escola;
- a falta de consenso metodológico na literatura sobre as formas de avaliação escolar;
- a importância de avaliações coerentes com a filosofia de vida de cada professor de Educação Física;
- a necessidade de vincular a avaliação como um processo de busca, de conquista e de auto-conhecimento por parte dos profissionais da Educação Física e de sua clientela;
- a importância da determinação de critérios de avaliação antes da prática da avaliação escolar da Educação Física;
- a forte influência das avaliações escolares da Educação Física na formação e desenvolvimento da personalidade dos alunos, como justificativas para esta pesquisa.

METODOLOGIA

População e Amostra

A população, deste estudo, é constituída por professores e alunos de Educação Física, de ambos os sexos, da Rede Municipal Ensino de Santa Maria. Consta da amostra 176 sujeitos, de ambos os sexos, selecionados aleatoriamente, sendo 16 professores de Educação Física, e 160 alunos, de 5ª à 8ª série, da Rede Municipal de Ensino da Zona Urbana de Santa Maria.

Instrumento de coleta de dados

Optou-se pelo uso de entrevista como instrumento de coleta de dados pelo retorno garantido das respostas, o que não acontece muitas vezes com o questionário. Segundo Demo (1995), não é possível fazer avaliação qualitativa à distância ou de modo intermitente, esporádico, por encomenda ou por terceiros. Convivência é o mínimo que se exige, a verdade reclama relacionamento dialogal entre avaliador e comunidade. As entrevistas, utilizadas neste estudo, foram validadas por sete professores das áreas de Estatística, Pedagogia e Educação Física.

Procedimentos Gerais

No segundo semestre de 1998, realizou-se um estudo piloto com a finalidade de validar as entrevistas destinadas a professores e alunos de Educação Física escolar. A amostra foi determinada através deste estudo piloto, sob orientação de um estatístico, estabelecendo 160 alunos de 5ª a 8ª série, sendo 10 alunos por professor e envolvendo desta forma 16 professores de Educação Física. No primeiro semestre de 1999, foram selecionadas aleatoriamente através de sorteios quatro escolas municipais da zona urbana da cidade de Santa Maria, que tivessem em seu quadro docente no mínimo quatro professores de Educação Física, atuando de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Foram entrevistados quatro professores por escola. Foram selecionados os quarenta alunos mais frequentes nos três primeiros meses do ano de 1999, em cada escola, sendo que para isso foram consultados os cadernos de chamada. Para a coleta de dados foi encaminhado um ofício entregue em mãos pela pesquisadora para os respectivos diretores ou supervisores escolares das escolas envolvidas. O período de coleta de dados foi de maio de 1999 a janeiro de 2000. Os professores e os alunos foram entrevistados em particular.

Tratamento estatístico dos dados

Foi utilizada uma análise quantitativa dos dados, com a frequência e porcentagem para classificar as respostas das entrevistas. Foi realizada, também, uma análise qualitativa das respostas obtidas, onde se objetivou uma relação entre a opinião dos alunos e a dos professores quanto a avaliação escolar da Educação Física. Para tanto foram utilizadas tabelas de contraste de respostas e uma Matriz Analítica de acompanhamento.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os quadros a seguir apresentam os contrastes de opiniões entre alunos e professores da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria sobre a avaliação escolar da Educação Física. As questões de contraste dos quadros abordam as seguintes temáticas:

- 01 – 09 objetivos das aulas de Educação Física escolar;
- 03 – 10 objetivos das avaliações de Educação Física escolar;
- 07 – 14 diálogo entre alunos e professores sobre avaliação escolar;
- 08 – 02 o momento da avaliação escolar da Educação Física;
- 09 – 08 instrumentos de avaliação escolar da Educação Física;
- 10 – 11 seleção de alunos para equipes esportivas;
- 15 – 06 formas de registros de avaliação escolar ;
- 17 – 01 critérios de avaliação das aulas de Educação Física;
- 21 – 15 recuperação e reforço nas aulas de Educação Física;
- 22 – 16 reprovação nas aulas de Educação Física;
- 24 – 12 avaliação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- 25 – 13 avaliações individuais e coletivas nas aulas de Educação Física.

Lê-se nos quadros abaixo:

- N° questão/prof.: referente ao número da questão da entrevista aplicada ao professor;
- N° questão/aluno: referente ao número da questão da entrevista aplicada ao aluno;
- Há concordância: quando a resposta do aluno e a do professor coincidem;
- Não há concordância: quando a resposta do aluno e a do professor diferem;
- Há concordância em parte: quando há concordância parcial entre a resposta do aluno e a do professor.

ESCOLA MUNICIPAL "A"

Quadro 1 - Escola Municipal "A" – 5ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15	X		
22	16		X	
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 2 - Escola Municipal "A" – 6ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15	X		
22	16	X		
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 3 - Escola Municipal "A" - 7ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15	X		
22	16	X		
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 4 - Escola Municipal "A" - 8ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01	X		
21	15		X	
22	16	X		
24	12	X		
25	13			X

Discussão do resultados da Escola Municipal “A”

Os professores concordam quanto aos objetivos das aulas de Educação Física, porém discordam quanto a avaliação escolar da mesma. 50% dos professores afirmam que avaliam para dar nota, selecionar para equipes e avaliam a frequência. Os demais professores afirmam avaliar para dar nota, mas não para selecionar equipes, não avaliam a frequência. Os alunos parecem nitidamente perdidos, não entendem a avaliação escolar da Educação Física, nem mesmo através do uso de pareceres descritivos como registro de avaliação, o que justifica o grande número de questões, no contraste, sem concordância. Não há diálogo entre alunos e professores sobre avaliação escolar.

ESCOLA MUNICIPAL “B”

Quadros 5 - Escola Municipal “B” – 5ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15	X		
22	16		X	
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 6 - Escola Municipal "B" – 6ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01	X		
21	15			X
22	16	X		
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 7 - Escola Municipal "B" – 7ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01	X		
21	15		X	
22	16	X		
24	12	X		
25	13	X		

Quadro 8 - Escola Municipal "B" – 8ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15	X		
22	16	X		
24	12	X		
25	13	X		

Discussão dos resultados da Escola Municipal "B"

A avaliação é registrada por nota, os professores não apresentam concordância de respostas, segundo eles, devido a falta de tempo para reuniões por disciplina, o que torna a prática avaliativa da Educação Física muito confusa para a maioria dos alunos, que afirmam não entender como é dada a nota se provas nunca são feitas. Não entendem os critérios usados para avaliá-los e consideram que existe uma certa discriminação social e econômica por parte dos professores no momento da avaliação, o que justifica o grande número de questões, no contraste, sem concordância. Não há diálogo entre alunos e professores sobre avaliação escolar.

ESCOLA MUNICIPAL "C"

Quadro 9 - Escola Municipal "C" – 5ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02			X
09	08		X	
10	11			X
15	06		X	
17	01		X	
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 10 - Escola Municipal "C" – 6ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02		X	
09	08		X	
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15			X
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 11 - Escola Municipal "C" – 7ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02			X
09	08		X	
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 12 - Escola Municipal "C" – 8ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02			X
09	08		X	
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Discussão dos resultados da Escola Municipal “C”

Preocupante os resultados desta escola, pois os alunos obtiveram 100% de respostas que não concordavam com as respectivas respostas dadas pelos professores, o que deixa claro a confusão existente no trabalho didático-pedagógico desenvolvido neste estabelecimento de ensino, nas aulas de Educação Física. Os professores não têm um instrumento de avaliação pré-estabelecido, avaliam de acordo com o momento ou pedem aos estagiários da graduação para fazê-lo. A maior queixa dos alunos é a troca dos professores durante o ano letivo, um começa um trabalho que é avaliado por outro e nunca se sabe quem vai finalizá-lo. Segundo os alunos muitos professores nem assistem as aulas dos estagiários e não conversam sobre as avaliações feitas nas aulas de Educação Física.

ESCOLA MUNICIPAL “D”

Quadro 13 - Escola Municipal “D” – 5ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02		X	
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01		X	
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 14 - Escola Municipal "D" – 6ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14			X
08	02			X
09	08			X
10	11		X	
15	06		X	
17	01		X	
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 15 - Escola Municipal "D" – 7ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02			X
09	08		X	
10	11		X	
15	06		X	
17	01			X
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Quadro 16 - Escola Municipal "D" – 8ª série.

Nº QUESTÃO/ PROF.	Nº QUESTÃO/ ALUNO	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTE
01	09		X	
03	10		X	
07	14		X	
08	02		X	
09	08		X	
10	11		X	
15	06			X
17	01			X
21	15		X	
22	16		X	
24	12		X	
25	13		X	

Discussão dos resultados da Escola Municipal "D"

A falta de diálogo é existente tanto na relação dos professores com os colegas como na relação com os alunos. Os instrumentos de avaliação modificam-se de bimestre para bimestre, dependendo do conteúdo e da turma. Os professores não sabem o que está sendo dado pelos outros colegas. Os alunos não entendem os objetivos, os critérios e os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores. Estes fatos justificam a não existência de concordância, no contraste, de opiniões de alunos e professores nesta escola.

Tabela 1 - Contraste das respostas de alunos e professores da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria.

ESCOLAS MUNICIPAIS	HÁ CONCORD.	NÃO HÁ CONCORD.	HÁ CONCORD. EM PARTES
"A"	29,17%	37,50%	33,33%
"B"	31,25%	37,50%	31,25%
"C"	0%	83,33%	16,67%
"D"	0%	83,33%	16,67%

A **tabela 1** deixa clara a falta de concordância de opiniões entre alunos e professores na Rede Municipal de Ensino de Santa Maria. Destacam-se as escolas “C” e “D” que apenas apresentaram 16,67% de concordância parcial nas doze questões de contraste. Esta falta de concordância está intimamente associada a falta de diálogo entre os professores e alunos, entre os próprios professores e entre os professores e as equipes diretivas das escolas. Os alunos queixam-se de terem suas opiniões menosprezadas pelos professores e serem avaliados, principalmente, pelo desempenho físico. Os alunos não conseguem entender como as avaliações feitas em aula se transformam em nota ou parecer descritivo, consideram a conversão desses valores muito difíceis de entender e que os professores não fazem questão de explicar. Os professores, por sua vez, afirmam não receber apoio por parte das equipes diretivas e das outras disciplinas curriculares e que não possuem condições financeiras para melhorarem os conhecimentos sobre o tema avaliação escolar.

Opinião dos professores entrevistados na Rede Municipal de Ensino:

- 100% dos professores entrevistados acreditam que os objetivos de suas aulas condizem com os objetivos visados na avaliação;
- 75% dos professores afirmam não enquadrar sua avaliação a proposta pedagógica da escola, pois a Educação Física é vista nas escolas como uma disciplina à parte e 30% afirmam se enquadrarem à proposta das escolas ;
- 100% dos professores avaliam com objetivo de dar nota e verificar o desempenho motor destes alunos nos diferentes esportes oferecidos,
- 100% dos professores afirmam estabelecer objetivos para as avaliações de acordo com os objetivos da disciplina, mas muitos objetivos perdem-se no decorrer do trabalho realizado;
- 70% dos professores afirmam não poder realizar avaliação escolar de acordo com a filosofia de vida devido a falta de apoio das equipes diretivas;
- 100% dos professores acreditam manter um diálogo franco e aberto com seus alunos, embora que 70% não conversam sobre avaliação escolar ou objetivos disciplinares;
- 100% dos professores avaliam no final de cada bimestre, embora observem os alunos em todas as aulas;
- 75% dos professores atribuem nota aos alunos e 25% parecer descritivo; 100% dos professores preferem avaliar por nota, por ser mais fácil e rápido;
- o instrumento de avaliação usado por 100% dos professores é a observação, através de fichas avaliativas;
- 25% dos professores fazem provas, testes e trabalhos teóricos na avaliação escolar, além das observações do rendimento físico;
- 50% dos professores avaliam como forma de selecionar alunos para equipes e

competições, porque a escola exige;

- 50% dos professores avaliam para justificar a nota bimestral dada aos alunos, porque é uma exigência da escola;
- 100% dos professores apresentam dúvidas sobre a maneira mais justa de avaliar e culpam a UFSM por ter um curso de graduação muito teórico e afirmam não terem tido disciplinas que tratassem da prática pedagógica, o que afeta muito a vida profissional de maneira assustadora;
- 100% dos professores não seguem teorias ou tendências pedagógicas;
- 100% dos professores estabelecem seus critérios de avaliação sozinhos, sem mesmo a participação de seus colegas de escola, porém afirmam que sempre as equipes diretivas interferem nas notas finais;
- os critérios mais citados foram: participação, interesse, desempenho físico e conhecimentos teóricos;
- 70% dos professores avaliam os alunos nos domínios afetivo, psicomotor e cognitivo, embora 50% não saiba justificar como isto se dá na prática;
- 30% dos professores não avaliam os domínios cognitivo porque acham uma prática avaliativa ineficiente para a Educação Física;
- 100% dos professores não sabem conceituar as avaliações diagnóstica, formativa, somativa e auto-avaliação, embora 60% afirmem seu uso nas aulas;
- 100% dos professores concordam que os fatores que mais interagem na avaliação escolar da Educação Física são fatores sociais e econômicos, devido as grandes diferenças de classes sociais existentes na rede municipal de ensino;
- não é oferecido reforço ou recuperação de avaliação para melhorar o desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física, segundo a opinião de 100% dos entrevistados, porque não há tempo para tal trabalho;
- 50% dos entrevistados acham que a Educação Física deveria reprovar e 50% acham que a Educação Física é uma disciplina diferente das outras e que por este motivo não deveria reprovar;
- 100% dos professores não sugerem outra forma de avaliação escolar da Educação Física, mas acham que os estudos a este respeito deveriam ser mais difundidos para que todos tivessem alcance e com isso serem mais justos no momento da avaliação;
- os meninos e as meninas não são avaliados da mesma forma porque em 100% das escolas da amostra as turmas são separadas por sexo, com professores, critérios de avaliação e com metodologias diferentes;
- 100% dos professores afirmam avaliar individualmente através das fichas de observação e testes;

Opinião dos alunos entrevistados na Rede Municipal de Ensino:

- 100% dos alunos não têm certeza de quais são os critérios de avaliação utilizados pelos professores;
- 65% sabem quando estão sendo avaliados e 35% não têm certeza do momento da avaliação e nem sabem como esta se dá;
- 100% não concordam com testes e provas, porque ficam muito nervosos, tanto nas avaliações teóricas como nas práticas;
- 100% dos alunos apresentam dúvidas quanto a maneira que são avaliados;
- 100% não consideram justas as avaliações feitas nas aulas de Educação Física;
- 100% preferem ser avaliados por nota, pois é mais simples para entender;
- 100% dos alunos desconhecem os objetivos das aulas e da avaliação escolar da Educação Física e os instrumentos que eles conhecem são as fichas de observação, testes teóricos, provas, e trabalhos;
- 70% dos alunos afirmam que a avaliação é usada para selecionar os “melhores” para as equipes da escola e 30% discordam;
- 100% dos alunos afirmam que as avaliações são individuais e coletivas;
- 100% dos alunos afirmam haver diferenças nas avaliações de meninos e meninas;
- 100% dos alunos afirmam não manter diálogo com os professores sobre a avaliação escolar, o que faz muita falta na hora de se entender os resultados finais e desconhecem algum tipo de reforço ou recuperação para melhorar o desempenho nas avaliações;
- 30% dos alunos acham que deveria haver reprovação na Educação Física, 10% não sabem opinar e 60% acham que não deveria haver reprovação;
- 100% dos alunos sugerem acabar com as avaliações teóricas nas aulas de Educação Física e gostariam de poder conversar com os professores sobre as avaliações feitas em aula e suas opiniões serem respeitadas.

CONCLUSÃO

Através das opiniões dos professores e alunos da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria concluímos que:

- não há interação com as outras disciplinas curriculares com a Educação Física, nem mesmo quanto a forma de avaliar;
- as avaliações não seguem a proposta pedagógica escolar;
- os professores não avaliam de acordo com os objetivos da disciplina de Educação Física, ou seja, objetivam um tema e avaliam outro;
- os professores usam a avaliação para registrar nota ou um parecer descritivo muitas vezes repetitivo a respeito do desempenho escolar do aluno;

- os professores afirmam avaliar o interesse, mas não explicam como este pode ser mensurado;
- as escolas aceitam um número muito grande de alunos por turma o que dificulta a avaliação das diferenças individuais destes alunos;
- os professores culpam o curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria por não ter dado base suficiente para formar bons professores de Educação Física escolar e consideram o curso muito técnico e pouco pedagógico;
- os professores são conscientes de suas dúvidas e gostariam de ter acesso a livros, cursos, seminários sobre as avaliações nas aulas de Educação Física;
- os professores consideram o fator econômico uma constante, interferindo nas suas atuações profissionais, tanto no momento de investir em material didático como nas discriminações feitas em aula pelos alunos que “podem mais”, estes alunos costumam menosprezar colegas e professores devido às diferenças sociais e econômicas.

Os professores não trocam informações entre si, não costumam conversar com os alunos sobre o andamento das aulas e não trabalham de acordo com as propostas pedagógicas de suas escolas, o que faz com que os alunos tenham muitas dúvidas sobre a avaliação escolar da Educação Física, como:

- a transformação de avaliações qualitativas em nota;
- critérios e formas de avaliação que mudam de bimestre em bimestre;
- avaliar desempenho de uns e empenho de outros;
- parecer descritivo idêntico entre alunos (cada um apresenta um comportamento e um desempenho diferente em aula) e;
- estagiários dando aula e professores regentes que nem se quer assistem estas aulas, avaliando os alunos.

Os alunos das escolas “C” e “D” afirmam que as maiores injustiças da escola estão ocorrendo nas aulas de Educação Física, pois consideram que estes professores avaliam os alunos pela “cara”, ou seja, que somente os amigos dos professores recebem notas altas.

O professor responsável por classes numerosas, constituídas por uma grande variedade de estudantes, preocupa-se tanto com os processos de ensino que acaba dedicando pouco tempo ou atenção aos processos de avaliação. Este profissional não tem conseguido manter-se atualizado em relação à crescente literatura sobre a arte e a ciência da avaliação, culpando na maioria das vezes os fatores econômicos por não conseguir participar de cursos, seminários, palestras, congressos e outros eventos pedagógicos, bem como a compra de livros de atualização profissional.

A principal tarefa da escola, hoje, é desenvolver no aluno as características que lhe permitirão viver de forma eficiente numa sociedade complexa. Desta forma a Educação Física tem a missão de avaliar seus alunos de forma diagnóstica e contínua, com critérios e objetivos previamente estabelecidos e compartilhados pelos alunos. A teoria e

a prática devem percorrer juntas os caminhos da corporeidade para que os alunos se reconheçam como “corpo”, compreendam a verdadeira meta educacional da Educação Física e busquem a auto-estima, a saúde e o equilíbrio através de um bom uso do ser um “corpo”.

Para Baecker (1998), as aulas de Educação Física tratam de trabalhar questões relativas ao “se-movimentar” humano e o ser humano precisa do “se-movimentar”, adquirir competências para o desenvolvimento de sua identidade que o capacitam para agir dentro de um contexto social democrático. Isto implica em um agir tanto em relação as questões técnicas, como em questões práticas da cultura do movimento humano.

Podemos dizer que o educando tem o direito aprender fundamentos técnicos, compreender as regras do jogo (aprender a jogar) e saber o porquê e para quê está aprendendo, além disso ele tem que compreender o sentido desta prática e suas consequências para a vida social de todos. Desta forma a avaliação deve ser o elemento que perpassa todo o processo, fazendo uma interligação entre o diferentes momentos da ação pedagógica, usufruindo dos fatores sociais, políticos, culturais e econômicos de forma positiva, para contribuir com o desenvolvimento fisiológico, social, técnico e crítico dos educandos, pois segundo Matos (1999), engana-se quem limita a concepção de avaliação escolar à aplicação de “instrumentos” de avaliação.

A avaliação não deve visar inflar egos, aumentar vaidades ou ainda bajular quem quer que seja. Deve ser, ao contrário, um instrumento que, entre outros, contribui para traçar o perfil do trabalho que desenvolvemos em toda sua extensão, ou seja, com seus acertos e erros, ajustando a caminhada e replanejando. Nos colégios, a avaliação deveria ser um processo contínuo, um instrumento a serviço de todos.

O professor deveria também ter o seu trabalho avaliado pelos alunos, para expressar o compromisso com o crescimento do outro. Este compromisso deveria uma doação pelo crescimento recíproco, desta forma a ato de avaliar deve servir para refletir, discutir, cobrar, e buscar melhorar.

Os professores de Educação Física das escolas municipais de Santa Maria demonstraram muita indignação quanto ao curso de graduação da Universidade Federal de Santa Maria que não tratou, em nenhuma disciplina, o tema avaliação escolar da Educação Física. O que torna suas atuações profissionais muito difíceis, principalmente no uso de critérios e instrumentos de medidas e na hora de estabelecer objetivos que vão ser verificados através de avaliações coerentes.

Trevisan (1997) questiona de que maneira os educadores, enquanto formadores de futuros profissionais da educação, poderão aproveitar as lacunas possibilitadas pelas políticas educacionais, para tornar viável a construção da cidadania na escola.

Os docentes entrevistados gostariam de ter:

- acesso a literatura e cursos a respeito da avaliação escolar da Educação Física, a cerca de critérios, instrumentos formas e tipos de avaliações;
- a Educação Física enquadrada nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas como qualquer outra disciplina teórico/prático;
- um número menor de alunos por turma, acabando com a junção de turmas nas aulas de Educação Física, pois com muitos alunos não observamos suas diferenças individuais adequadamente, dificultando a avaliação escolar;

O que acaba acontecendo nas aulas de Educação Física são avaliações injustas, onde os alunos com melhores condições financeiras, que frequentam clubes, academias, escolinhas, que têm acesso a INTERNET, apresentam avaliações superiores aos demais, não por incompetência dos professores, mas por total desinformação, falta de critérios e de diálogo com seus alunos, colegas, supervisão e pais.

Quando o diálogo e a acomodação dos professores prevalece, os alunos acabam considerando as avaliações injustas e desonestas, perdem o interesse pelas aulas, pegam antipatia pelos colegas considerados melhores, provocam desarmonia social, dificultam as relações pessoais e muitas vezes começam a desprezar as atividades físicas orientadas. Todos os envolvidos no processo saem perdendo, os professores perdem a credibilidade, os alunos que se destacam por serem taxados de protegidos, os alunos injustiçados pelas avaliações por se isolarem e a Educação por deixar que fatores externos influenciem um “ato educativo” por excelência que deveria ser a avaliação escolar.

Infelizmente fatores sociais, políticos, culturais e econômicos estão influenciando negativamente o ato de avaliar alunos nas aulas de Educação Física das escolas municipais de Santa Maria. O pior é constatar que os professores, na maioria das vezes, são conscientes disso, mas não sabem isolar esta gigantesca influência. Os alunos, por sua vez, queixam-se da falta de diálogo com os professores, de falta de troca de opiniões, querem opinar e serem ouvidos. Os professores, por sua vez, querem ter atendidas suas reivindicações de melhores salários, valorização social e profissional, querem material didático adequado para a prática de suas aulas e licença para frequentarem bons cursos.

Claro que não podemos achar desculpas para o fracasso pedagógico, mas temos que arregassar as mangas e lutarmos por uma avaliação de qualidade, partindo de avaliações justas e honestas, primeiramente com nossas filosofias de vida, depois com as propostas pedagógicas das escolas, somos os principais responsáveis por nossa valorização profissional. Pois, segundo Verza (1996), não precisamos esperar que as políticas educacionais aconteçam, não precisamos esperar por um Estado democrático e público, não precisamos esperar por uma escola de qualidade, não precisamos esperar por um Brasil novo: precisamos ousar construí-lo, custe o que custar, mediante cidadania cada vez mais consciente e organizada.

Lamentamos ver certos professores se esconderem quando tomavam conhecimento que nosso estudo tratava da avaliação escolar de Educação Física e que seus alunos também seriam entrevistados. Decepcionante, também, foi procurar professores nos horários de aula e encontrar seus estagiários sozinhos, sem nenhuma orientação pedagógica, (a história repetindo-se com os futuros professores) e estes jogando toda a responsabilidade para os professores de “Prática de Ensino” do CEFD/UFSM, quando este deveria ser um trabalho planejado e executado em conjunto.

Temos, então que parar de culpar apenas os estabelecimentos de ensino superior pelo fracasso da avaliação escolar da Educação Física e passarmos a desenvolver uma consciência crítica e participativa a respeito de nosso trabalho como educadores. Claro que os professores universitários deveriam visitar mais as escolas, ou seja, os que formam futuros educadores deveriam ver o fruto de seu trabalho que é a educação de qualidade dos futuros cidadãos brasileiros.

Se houvesse mais interesse e intercâmbios entre a universidade e a escola, uma das principais dúvidas dos professores de Educação Física que é como avaliar a interação social e afetiva, já teria sido sanada, pois o Prof. Dr. Valter Bracht, em 1983 (apud Etchepare, 1997), no CEFD/UFSM desenvolveu o SIRCIS (Sistema de Registro do Comportamento de Interação Social) para verificar e registrar a interação social e afetiva nas aulas de Educação Física.

Para que ocorram mudanças significativas na prática do docente de Educação Física é necessário que:

- as universidades promovam mais debates, cursos, seminários, palestras e troca de experiências com professores de Educação Física escolar, de qualquer rede de ensino;
- os professores conscientizem-se que seus objetivos de aula e seus critérios de avaliação devem ser coerentes com o trabalho proposto;
- fatores sociais, políticos, econômicos e culturais não interfiram negativamente nas avaliações feitas na escola, que sejam neutralizados enquanto fonte de injustiças no processo avaliativo;
- os professores busquem “além” do que lhes é fornecido nos cursos de graduação, sem comodismos ou medo do novo;
- o Sistema Educacional Brasileiro invista mais no aperfeiçoamento de seus professores em qualquer nível e que estes sejam mais valorizados social e economicamente;
- a Educação Física deixe de ser mais um espelho dos “melhores” atletas, dos “corpos” mais saudáveis e passe a fundamentar sua prática à saúde corporal e mental, forme jovens apaixonados pela atividade física, independentemente de sua formação cultural, sua classe econômica, da política educacional e de sua classe social;
- a Secretaria de Educação do Município de Santa Maria promova mais encontros entre os professores para troca de experiências e dê condições para que os mesmos possam se atualizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAECKER, I. M. Polígrafo elaborado para a disciplina: **Introdução à Ciência do Movimento Humano** do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano do CEFD/UFSM, 1998.
- BLOOM, B. & MADAUS, G. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. Ed. Pioneiro. São Paulo, 1983.
- DEMO, P. **Metodologia Científica – em ciências sociais** – Ed. Atlas. S.A – São Paulo, 1995.
- ENGERS, M. A. **Reflexões sobre a avaliação escolar**. PUCRS – Curso de Pós-graduação. Ano X. Porto Alegre, 1987.
- ETCHEPARE, L.S. **As práticas massificada e distribuída e os métodos parcial progressivo e misto na aquisição e retenção do nado crawl**. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM, em 1997.
- FENSTERSEIFER, A. **Concepções da Educação Física**. Artigo publicado no livro – Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física. Ed. Pallotti, Santa Maria, 1996.
- HOFFMANN, J. **Avaliação – mito & desafio – uma perspectiva construtivista**. Ed. UFRGS, Porto Alegre – R.S, 1991.
- LIMA, A. O – **Avaliação Escolar. Julgamento versus Construção**. Ed., Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. NETO, A. C. **Avaliação Sem Medo**. Ed. Esteves. Fortaleza – Ceará – Brasil, 1986.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Educação Física** – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997.
- PADRÃO REFERENCIAL DE CURRÍCULO. **Educação Física – Ensino Fundamental** – 1ª versão. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.
- SANTIN, S. **Educação Física “Temas Pedagógicos”**. Ed. EST/ESEF. Porto Alegre, 1992.

TREVISAN, A. L. Estado e a Política Educacional: o Estado e a formação do cidadão. In: Anais: Sistemas e Instituições: repensando a teoria na prática – 18º Simpósio Brasileiro de Política e Administração da educação. EDIPUC- Porto Alegre – R.S, 1997.

VERZA, S. B. Políticas Públicas da Educação e da cidadania. Revista Espaços da Escola. V.4, nº20. – abril- junho. UNIJUÍ – Ijuí – R.S, 1996.